ISSN: 2358-8829

ENTRE A TEORIA E O CHÃO DA ESCOLA: O PIBID NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE EM UMA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL

Ana Caroline Régis de Queiroz Santos [1]

INTRODUÇÃO

A formação de professores é uma dimensão central da educação básica, pois o trabalho docente envolve decisões pedagógicas, relações humanas e condições institucionais que influenciam os processos de ensino e aprendizagem. Nos cursos de licenciatura, a articulação entre os conhecimentos estudados na universidade e as experiências vividas na escola é importante para que os futuros professores compreendam a complexidade da profissão, para além do domínio dos conteúdos específicos de sua área.

A aproximação entre universidade e educação básica possibilita ao licenciando observar e participar de situações concretas de planejamento, ensino, avaliação e organização escolar. Essas vivências não substituem o estudo teórico; elas criam oportunidades para mobilizar conceitos, questionar concepções prévias e refletir sobre as condições reais em que a docência acontece. Assim, a experiência escolar pode contribuir para a construção de saberes profissionais e para uma compreensão menos idealizada do trabalho docente.

É nesse contexto que se insere o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), iniciativa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) voltada ao fortalecimento da formação inicial de professores por meio da inserção de licenciandos em escolas públicas de educação básica. A participação no programa oferece oportunidades de acompanhamento da rotina escolar, colaboração com professores e envolvimento em atividades pedagógicas e institucionais.

Entre as dimensões que podem ser compreendidas a partir dessa inserção está a construção da identidade docente. A identidade profissional não se constitui de maneira instantânea nem exclusivamente durante a formação universitária: ela é continuamente

[1]Graduanda em Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG/CES), Cuité-PB. E-mail: caroline.regis@estudante.ufcg.edu.br

ISSN: 2358-8829

elaborada nas relações sociais, nas experiências institucionais e na reflexão sobre as situações vividas. O contato com diferentes responsabilidades da escola permite ao licenciando rever expectativas iniciais e reconhecer a pluralidade de conhecimentos e decisões que integram a docência.

No contexto da escola de tempo integral, essas questões assumem contornos próprios. A jornada ampliada envolve outros tempos e espaços educativos (MOLL, 2012) e exige atenção ao planejamento das atividades, às formas de participação dos estudantes e à organização da rotina escolar. Esse cenário abre espaço para diversificar o ensino, por meio de atividades preparatórias, aulas externas, projetos e eventos escolares.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo analisar como as experiências vivenciadas por uma licencianda em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), no âmbito do PIBID, contribuíram para a construção inicial de sua identidade docente ao longo do ano letivo de 2025, na Escola Cidadã Integral Técnica Jornalista José Itamar da Rocha Cândido, em Cuité-PB. Busca-se, em particular, refletir sobre os saberes mobilizados em um aulão preparatório para a Olimpíada Brasileira de Biologia (OBB), em uma aula externa no Herbário da UFCG e em tarefas institucionais, como a IX Olimpíada do Meio Ambiente.

Trata-se de um relato de experiência, de abordagem qualitativa, construído a partir de diários de bordo, planos de aula, relatórios de atividades e anotações de observação, interpretados à luz de Nóvoa (1992), Tardif (2014) e Dubar (2005). Os resultados indicam que o planejamento passou a ser compreendido como mediação entre o conhecimento científico e um grupo real de estudantes, que a aula em espaço não formal depende de objetivos de aprendizagem claros e que tarefas avaliativas e administrativas fazem parte do trabalho pedagógico. Conclui-se que, nessa experiência, o PIBID funcionou como espaço de articulação entre a formação acadêmica e a realidade escolar.

METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como um relato de experiência de abordagem qualitativa, com caráter descritivo e reflexivo, elaborado a partir da participação da autora nas atividades do PIBID. O foco não é mensurar efeitos do programa nem generalizar os resultados para todas as escolas, mas analisar experiências situadas e as aprendizagens profissionais que elas suscitaram.

ISSN: 2358-8829

A experiência analisada ocorreu durante o ano letivo de 2025, na Escola Cidadã Integral Técnica Jornalista José Itamar da Rocha Cândido, instituição da rede pública estadual da Paraíba que adota o modelo de educação em tempo integral. O recorte foi delimitado a esse período para manter a correspondência entre o objetivo do trabalho e as experiências aqui discutidas.

A reflexão foi fundamentada em registros produzidos durante a participação no programa, incluindo diários de bordo, planos de aula, relatórios de atividades e anotações de observação da rotina escolar. Esses materiais permitiram recuperar situações pedagógicas, tarefas institucionais e aprendizagens construídas ao longo da experiência, e o relatório de atividades do PIBID serviu para conferir datas e etapas das ações. Os registros foram tratados como fontes de reflexão sobre a trajetória da autora, e não como um levantamento representativo das percepções de todos os participantes.

Os diários de bordo auxiliaram na organização das experiências e das percepções da autora sobre o trabalho docente. Os planos de aula permitiram retomar decisões de planejamento e de adequação dos conteúdos científicos ao contexto escolar. Já as anotações de observação contribuíram para refletir sobre as relações interpessoais, as rotinas e os processos organizacionais da instituição. A análise considerou a posição da autora como participante da experiência, reconhecendo que o relato é situado e atravessado por sua perspectiva.

Para sistematizar o relato, os registros foram organizados por aproximação temática em três eixos: mediação do conhecimento, a partir de um aulão preparatório para a OBB ministrado a estudantes do 3º ano; aprendizagem em espaço não formal, a partir da visita ao Herbário da UFCG e de atividades em sala relacionadas a ela; e participação em tarefas institucionais, com destaque para a Olimpíada do Meio Ambiente. A interpretação desses eixos foi articulada às discussões de Nóvoa (1992), Tardif (2014), Dubar (2005), Chevallard (1991) e Jacobucci (2008). Os diferentes registros serviram para contextualizar e refletir sobre a experiência, e não como procedimento formal de comparação entre fontes.

Por se tratar do relato da própria experiência da autora, sem coleta de dados junto aos estudantes e sem identificação de pessoas, o trabalho não foi submetido a comitê de ética em pesquisa. Não foram incluídas imagens de pessoas ou de estudantes, e a análise é apresentada apenas em forma de texto.

REFERENCIAL TEÓRICO

ISSN: 2358-8829

Formação docente e aproximação entre teoria e prática

A formação inicial de professores é um período de construção de conhecimentos científicos, pedagógicos e didáticos, mas também de revisão das concepções que cada licenciando traz sobre a profissão. Nóvoa (1992) destaca a importância de aproximar a formação da experiência e da reflexão sobre a prática. Essa perspectiva permite compreender que a aprendizagem da docência não se limita à aplicação de teorias previamente estudadas: envolve interpretar situações, reconhecer as condições de trabalho e refletir sobre decisões tomadas em contextos concretos. A inserção na escola pode, portanto, criar oportunidades para que o licenciando confronte expectativas com a realidade e construa uma compreensão progressivamente mais ampla do trabalho docente.

Os saberes docentes

Para Tardif (2014), os saberes docentes são plurais e se constituem na articulação entre diferentes fontes de conhecimento. Os saberes disciplinares envolvem os conhecimentos específicos das áreas; os curriculares se relacionam à seleção e à organização dos conteúdos escolares; os pedagógicos abrangem concepções e estratégias de ensino; e os experienciais são elaborados no contato com as situações concretas do trabalho. Esses saberes não atuam de forma isolada. Ao preparar uma atividade, por exemplo, o futuro professor precisa mobilizar o conteúdo que domina, considerar o que o currículo propõe e decidir como organizar a aprendizagem em determinada situação. A participação no PIBID oferece um contexto para observar e exercitar essa articulação, ainda que sob acompanhamento de professores experientes.

Construção da identidade docente

Dubar (2005) compreende a identidade profissional como uma construção processual, relacionada às experiências de socialização e ao reconhecimento que se estabelece nas relações sociais. A identidade não é fixa: transforma-se à medida que o indivíduo participa de grupos, assume responsabilidades e atribui sentido às experiências vividas. Na formação docente, a convivência com professores e estudantes, a participação nas rotinas escolares e o contato com diferentes dimensões do trabalho podem influenciar a maneira como o licenciando se reconhece, e é reconhecido, como futuro profissional. Essa abordagem permite

ISSN: 2358-8829

analisar o PIBID não apenas como oportunidade de executar atividades, mas como espaço de contato com práticas, relações e responsabilidades que compõem a docência.

Transposição didática e espaços não formais de aprendizagem

Chevallard (1991) descreve a transposição didática como o conjunto de transformações pelas quais o conhecimento produzido no meio científico, o chamado saber sábio, é adaptado até se tornar um saber ensinável e, por fim, o saber efetivamente ensinado em sala de aula. Nesse caminho, o conteúdo é selecionado, reorganizado e reformulado em função de quem aprende e do contexto da aula. Para quem está começando na docência, perceber esse processo ajuda a entender que ensinar não é repetir o que se estudou na graduação, e sim reconstruir o conhecimento para um grupo específico de estudantes.

Jacobucci (2008) define como espaços não formais aqueles diferentes da escola nos quais pode ocorrer uma ação educativa, distinguindo os institucionalizados, que contam com equipe e regras de funcionamento, dos não institucionalizados. No ensino de Ciências, esses espaços ampliam o contato dos estudantes com práticas, materiais e ambientes que a sala de aula nem sempre oferece. Seu aproveitamento pedagógico, no entanto, depende de planejamento e de vínculo com os objetivos de ensino.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A mediação do conhecimento e o desenvolvimento dos saberes docentes

O aulão preparatório para a OBB, realizado em 06 de março de 2025, foi uma das situações de maior impacto da experiência. A aula foi ministrada pelos bolsistas a uma turma numerosa, formada pela junção de todos os estudantes do 3º ano, e abordou conteúdos de Bioquímica: carboidratos, lipídios, proteínas, enzimas e metabolismo celular. A preparação envolveu selecionar o que priorizar e organizar a explicação, o que já indicava que conhecer o conteúdo é apenas uma parte do trabalho de ensinar.

Foi durante a aula, porém, que o grupo revelou níveis muito diferentes de conhecimento em Bioquímica, algo que o planejamento não tinha como antecipar por completo. Além de explicar o conteúdo, foi preciso conduzi-lo de forma dinâmica, como nos aulões pré-vestibular, com macetes e orientações sobre como fazer a prova: ter confiança, paciência e calma e ler com atenção o enunciado das questões. Nos termos de Chevallard (1991),

ISSN: 2358-8829

tratou-se de transformar o saber estudado na graduação em um saber ensinável para aquele grupo, numa situação em que a heterogeneidade da turma pedia respostas imediatas.

Para a autora, a experiência mostrou que o planejamento continua depois que a aula começa, pois é ajustado diante de quem está na sala. Isso se aproxima do que Nóvoa (1992) defende sobre aprender com a prática e refletir sobre as decisões pedagógicas, e do que Tardif (2014) chama de saberes experienciais, construídos no contato com situações concretas do trabalho e articulados aos saberes disciplinares e pedagógicos.

Outras ações do ano seguiram nessa direção. No encontro de planejamento e escuta discente, em 20 de março, os estudantes foram ouvidos sobre suas expectativas e dificuldades, o que orientou intervenções mais contextualizadas. Em 29 de abril, foi planejado um projeto investigativo de construção de armadilhas para mosquitos, que aproximou a pesquisa escolar dos conteúdos de Ciências. Entre outubro e novembro, teve início a elaboração do jogo educativo “Mulher da Peste”, baseado na Educação CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade) e na história da ciência regional, com a pesquisadora Alzira Maria Paiva de Almeida como protagonista. Como o jogo ainda está em elaboração, ele é citado aqui como desdobramento, e não como resultado analisado.

Espaços não formais como ambientes de aprendizagem

A aula externa no Herbário do Centro de Educação e Saúde da UFCG, em 06 de agosto de 2025, levou os estudantes a um espaço não formal vinculado à universidade, no sentido de Jacobucci (2008). Eles acompanharam a demonstração do processo de confecção de exsicatas (coleta, prensagem, secagem e catalogação), observaram estruturas vegetais ao microscópio e discutiram células vegetais. A atividade aproximou conteúdos de Botânica e de Citologia de práticas científicas realizadas na universidade.

Entre agosto e outubro, o projeto Exsicata e as atividades avaliativas deram sequência ao tema em sala, com a organização de cartões-resposta, a aplicação de atividades, o planejamento sobre Capacidade de Troca Catiônica (CTC), o teste de materiais e a aplicação de um questionário diagnóstico em Botânica. Esse desdobramento importa para a análise porque liga a visita ao que aconteceu depois, na escola.

Nessa sequência, a escolha de um espaço externo mostrou depender de objetivos claros: ir à universidade, por si só, não garante aprendizagem. O que conta é o que se faz com a visita, isto é, a mediação das informações, a relação entre o que se observa e o conteúdo escolar e o que acontece em seguida em sala. Para a autora, isso ampliou a ideia de papel

ISSN: 2358-8829

docente, que passou a incluir a criação de oportunidades que ligam a escola a outros espaços de produção do conhecimento científico. Como se trata de um relato, não se afirma que a visita tenha produzido efeitos duradouros sobre o desempenho dos estudantes; discute-se sua contribuição para a formação docente da autora.

Compreendendo a escola para além da sala de aula

A IX Olimpíada do Meio Ambiente, em 04 e 11 de junho de 2025, envolveu o acompanhamento da aplicação de uma avaliação com tema delimitado, o meio ambiente, e o trabalho que veio depois: corrigir as provas pelo total de questões acertadas e lançar os resultados em planilhas, para gerar métricas de desempenho. Essa parte do trabalho dificilmente aparece para quem observa a profissão apenas pela aula, e exige atenção, cuidado com os registros e articulação com outras pessoas da escola.

O ponto central para a autora foi perceber que o resultado de cada estudante, ao ser lançado na planilha, vira dado que pode orientar decisões, como a escolha de conteúdos e a organização das próximas olimpíadas ou provas sobre um assunto específico. A avaliação passa a ser entendida como parte de um ciclo de planejamento, e não só como atribuição de nota. À luz de Tardif (2014), são situações que mobilizam saberes que vão além do conteúdo disciplinar; para Dubar (2005), participar dessas rotinas integra a socialização profissional, porque permite conhecer responsabilidades e modos de organização próprios da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências analisadas indicam que a construção da identidade docente não se restringe à atuação em sala de aula. O aulão para a OBB mostrou que ensinar exige transformar o conhecimento científico para um grupo concreto e ajustar o plano durante a própria aula; o Herbário e seus desdobramentos apontaram possibilidades de articulação entre escola, universidade e espaços não formais; e a Olimpíada do Meio Ambiente trouxe a avaliação, o registro e a organização de dados para o centro do trabalho pedagógico. Em conjunto, essas vivências ampliaram a compreensão da autora sobre os saberes e as responsabilidades da docência.

Por se tratar de um relato situado, as conclusões não devem ser generalizadas para todas as experiências do PIBID ou para todas as escolas de tempo integral. Ainda assim, a análise sugere que a inserção acompanhada no cotidiano escolar cria oportunidades de

aprendizagem profissional que vão além de aplicar conteúdos, e nesse sentido o PIBID funcionou, para a autora, como espaço de aproximação entre formação acadêmica e realidade escolar. Para a comunidade científica, o relato contribui com um caso de formação inicial em escola de tempo integral da rede pública paraibana.

Como desdobramento, sugerem-se estudos que acompanhem mais de um bolsista e outras escolas e que investiguem como os próprios estudantes percebem atividades como o aulão e as avaliações em olimpíadas. Também seguem em aberto a aplicação e a análise de materiais ainda em elaboração, como o jogo “Mulher da Peste”.

Palavras-chave: PIBID; Formação inicial de professores; Identidade docente; Ensino de Biologia; Escola de tempo integral.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) pela oportunidade de aproximação com a realidade da escola pública e pelas experiências que contribuíram para minha formação docente. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio e financiamento do programa; à Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), especialmente ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas e ao Centro de Educação e Saúde, pela formação acadêmica. Ao professor João Paulo Santos da Silva, supervisor do subprojeto, pelas orientações e pelos ensinamentos compartilhados durante a experiência no PIBID. Aos colegas pibidianos e à comunidade escolar da ECIT Jornalista José Itamar da Rocha Cândido, pelas experiências e aprendizagens construídas ao longo dessa trajetória.

REFERÊNCIAS

CHEVALLARD, Y. **La transposición didáctica**: del saber sabio al saber enseñado. Buenos Aires: Aique, 1991.

DUBAR, C. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

JACOBUCCI, D. F. C. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Em Extensão**, Uberlândia, v. 7, n. 1, p. 55-66, 2008.

MOLL, J. (Org.). **Caminhos da educação integral no Brasil**: direito a outros tempos e espaços educativos. Porto Alegre: Penso, 2012.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 13-33.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.